



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

AS FORÇAS ARMADAS E O EXERCÍCIO DO PODER

DISCURSO PROFERIDO DE IMPROVISO, NO PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, A 15 DE MARÇO DE 1968, NA PASSAGEM DO PRIMEIRO ANO DE SEU GOVERNO, EM AGRADECIMENTO À SAUDAÇÃO DO SENADOR DANIEL KRIEGER, DURANTE AUDIÊNCIA EM QUE FOI CUMPRIMENTADO PELOS GOVERNADORES DE TODOS OS ESTADOS, CONGRESSISTAS E REPRESENTANTES DAS FORÇAS ARMADAS.

Depois de uma oração veemente, entusiástica e até mesmo emocionante, deste segundo Gaspar Silveira Martins, eu até me sinto acanhado em dirigir a palavra a meus amigos.

Melhor seria se estivesse aqui um homem fardado, para agradecer as referências justas às dignas Forças Armadas. Claro está que eu, apesar de já ter passado para a reserva, sou um velho soldado, com mais de 50 anos de serviço, e posso garantir ao eminente líder e grande presidente da Aliança Renovadora Nacional que ele foi justo, foi extremamente justo nos conceitos emitidos a propósito das Forças Armadas.

As Forças Armadas jamais quiseram o poder, jamais lutaram pelo poder e sempre se sacrificaram para que o poder fosse realmente democrático em nosso País. Principalmente nos momentos em que a desordem, a distorção e o descaminho procuravam levar à desordem, ao descaminho e à anarquia. Mas, todos os Senhores — especialmente aqueles que já têm o cabelo branco — podem testemunhar que jamais o Exército fez revolução pela revolução; jamais o Exército saiu dos quartéis para se apoderar do poder. O que ele não pode, porém, em absoluto, é sair dos quartéis para acabar com a anarquia e entregar, depois, o País à anarquia. O que ele jamais pode é consentir que as coisas voltem ao primitivo, à desordem, à anarquia, ao caos, quando exigiu de seus soldados, às vezes, o sacrifício da própria carreira.

O Exército não poderá — mas não poderá jamais — consentir isso. Vossas Excelências, os nobres representantes do povo, são testemunhas de que as Forças Armadas, uma vez derrubado aquele regime

de desatino, que ia levando o País à desordem, procuraram entregar o poder. E Vossas Excelências escolheram o homem justo para o momento exato — o grande Presidente Castello Branco.

Por um conjunto de circunstâncias, foi ele, no momento, o homem capaz de colocar o Brasil no seu verdadeiro caminho, no sentido da moralização da vida pública, do restabelecimento da autoridade, da restauração da dignidade pública, exatamente quando a autoridade constituída era a primeira a lançar o distúrbio, a provocar a desordem, a incitar à indisciplina. Felizmente, com a graça de Deus e a compreensão dos homens, nós vencemos o pior trajeto na senda que estamos trilhando para a institucionalização completa do regime democrático em nosso País.

Já vamos, hoje, para quatro anos de Revolução e hoje também completamos um ano de pleno regime democrático, com uma Constituição outorgada pelo órgão competente, que é o Congresso Nacional.

Atravessamos o primeiro ano desse Governo sem qualquer medida de exceção, sem qualquer arbitrariedade e sem lançar mão das Forças Armadas, que aí estão como reserva, se porventura — Deus não o queira — o Brasil venha a necessitar delas.

Queremos resolver os problemas nacionais e haveremos de colocar, com a compreensão dos homens — particularmente daqueles que têm responsabilidade — este País na trilha exata da democracia, com o funcionamento dos três poderes da República, independentes, dignamente independentes e, principalmente, apoiado nesse partido, que só nos tem dado motivo de orgulho até agora, maciço, digno, ativo, defendendo os interesses do País e apoiando legitimamente o Presidente da República. Queremos dar ao Judiciário, como temos dado, o maior acatamento.

O digno Presidente da ARENA aludiu às Forças Armadas. Outro dia, em recente pronunciamento, perguntaram-me: «Por que os militares não gostam da política?» Eu disse: «Mas, isso é uma mentira! A História está aí. Quem foi Lauro Sodré? Quem foi Lauro Müller? Quem foi Dantas Barreto? E muitos outros mais, que não cito para não me alongar muito? Quem é Gilberto Marinho? Quem é Costa Cavalcanti? Quem é Jarbas Passarinho? São militares, mas são também políticos e políticos dignos.

A mim, acusaram de organizar um Ministério de Militares. Mas, como de militares, ou militar? Se eu fui buscar, no Norte, o Senador mais votado naquela região, o mais digno representante do povo de lá: Jarbas Passarinho. Se eu fui buscar, em Pernambuco, um revolucionário autêntico e que tinha tido a consagração das urnas: — Costa Cavalcanti. Se eu fui buscar um homem como Macedo Soares, que já nem mais me lembrava que havia sido militar, porque foi governador de Estado, foi ministro de Estado. Por que militar? Não, Senhores, eu

fui buscar o político onde eu melhor o conhecia e com a consagração do povo. Por que não dizem que fui buscar também um Tarso Dutra, no Rio Grande do Sul, por ser o candidato que mais voto teve dentro do mesmo Estado? Foi, então, por um princípio nitidamente político que escolhi militares. Eram militares por coincidência, mas eram sobretudo homens do agrado do povo, porque haviam recebido a consagração do povo.

Não quero me alongar mais; quero apenas dizer a esse verdadeiro general, que é o Senador Krieger, tão soldado quanto eu, porque, quando preciso, vai ao campo de batalha, como foram Flôres da Cunha, Osvaldo Aranha e tantos outros, lutar pelo grande Brasil, pela grandeza deste País: Senador Krieger, muito obrigado.